

Seios para eles: crise da masculinidade e fármaco-necropolítica em “Ginecomastos”, de Amara Moira

Breasts for them: masculinity crisis and pharmaconecropolitics in “Ginecomastos”, by Amara Moira

Flávia Guerra Rocha Campos

Universidade Federal de Uberlândia
(UFU) | Uberlândia | MG | BR
flaviaguerra.libras@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0003-5696-1396>

Flávia Andréa Rodrigues Benfatti

Universidade Federal de Uberlândia
(UFU) | Uberlândia | MG | BR
flavia.benfatti@ufu.br
<https://orcid.org/0000-0002-2176-3870>

Resumo: Este artigo analisa o conto “Ginecomastos”, de Amara Moira, à luz do regime farmacopornográfico formulado por Paul B. Preciado e da noção de necropolítica proposta por Achille Mbembe. Partindo da hipótese de que a disseminação da ginecomastia entre “respeitáveis pais de família” ficcionaliza uma crise da masculinidade hegemônica em contexto de circulação desigual de hormônios e de desejos, este estudo investiga de que modo a narrativa articula corpos masculinos normativos e corpos travestis intensamente hormonizados em uma mesma economia clandestina de sexo e apagamento. Do ponto de vista metodológico, desenvolve-se uma leitura crítico-interpretativa do conto, articulando análise textual e reflexão teórica no campo da literatura brasileira contemporânea. Argumenta-se que, embora a feminilização involuntária dos corpos masculinos desestabilize a aparência de solidez da masculinidade cisheterossexual normativa, a vulnerabilização estrutural de travestis permanece inalterada: enquanto os seios masculinos são administrados pela medicina e pelo mercado, os corpos transfemininos seguem submetidos à automedicação, à precariedade laboral, à mutilação em condições de risco e ao silenciamento institucional. Conclui-se que “Ginecomastos” torna visíveis, pela ficção, os modos assimétricos de distribuição de riscos, cuidados e possibilidades de vida, contribuindo para o debate sobre gênero, sexualidade e violência no sistema literário brasileiro atual.

Palavras-chave: Amara Moira; literatura brasileira contemporânea; farmacopornografia; necropolítica; travestilidade.



Abstract: This article analyzes the short story “Ginecomastos”, by Amara Moira, in the light of Paul B. Preciado’s concept of the pharmacopornographic regime and Achille Mbembe’s notion of necropolitics. Starting from the hypothesis that the spread of gynecomastia among “respectable family men” fictionalizes a crisis of hegemonic masculinity in a context of unequal circulation of hormones and desires, this study investigates how the narrative articulates normative male bodies and heavily hormonized travesti bodies within the same clandestine economy of sex and erasure. Methodologically, the article develops a critical-interpretative reading of the story, combining textual analysis and theoretical reflection in the field of contemporary Brazilian literature. It argues that, although the involuntary feminization of male bodies destabilizes the apparent solidity of normative cisheterosexual masculinity, the structural vulnerability of travestis remains unchanged: while male breasts are managed by medicine and the market, transfeminine bodies continue to be subjected to self-medication, precarious labour, unsafe mutilating procedures and institutional silencing. The article concludes that “Ginecomastos” makes visible, through fiction, the asymmetric ways in which risks, care and possibilities of life are distributed, thus contributing to current debates on gender, sexuality and violence in the Brazilian literary system.

Keywords: Amara Moira; contemporary Brazilian literature; pharmacopornography; necropolitics; travestility.

1 Introdução

Publicado em *O dia escuro*, livro de contos que integra a produção recente da literatura brasileira contemporânea, “Ginecomastos”, de Amara Moira, escritora, filósofa e militante trans, constrói um cenário ficcional em que corpos masculinos tomados como exemplares da masculinidade hegemônica – homens casados, autodeclarados conservadores, pais de família – passam a experimentar um crescimento inesperado das mamas. O fenômeno, inicialmente tratado como anomalia médica, desencadeia uma série de respostas biomédicas, midiáticas e mercadológicas: de um lado, multiplicam-se diagnósticos, exames, tentativas de explicação etiológica; de outro, o mercado de moda íntima e de cosméticos rapidamente identifica um novo nicho e oferece produtos específicos para acomodar, disfarçar ou valorizar os seios masculinos.

A princípio, portanto, a crise é administrada pela medicina e pelo capitalismo, que reagem à emergência de corpos que escapam às fronteiras tradicionais entre masculino e feminino.

À medida que a narrativa avança, contudo, desloca-se o foco para a figura das travestis em contexto de prostituição, corpos sistematicamente marginalizados e expostos à violência. São elas que, submetidas a doses massivas e desassistidas de hormônios feminilizantes, reconfiguram seus corpos em meio à precariedade do trabalho sexual e à ausência de políticas públicas de saúde. É no cruzamento entre esses corpos transfemininos e os corpos masculinos normativos que o conto sugere a existência de uma economia clandestina de desejo na qual homens que defendem em público uma moral sexual tradicional procuram, em segredo, travestis em programas noturnos, participando de um circuito de consumo sexual que permanece invisível no espaço social. A feminilização involuntária dos corpos masculinos, inscrita no tecido mamário, aparece, assim, como marca incômoda desse contato que deveria permanecer oculto.

A leitura aqui proposta aproxima o conto de Amara Moira da teoria de Paul B. Preciado sobre o regime farmacopornográfico, entendido como um dispositivo histórico em que a gestão dos corpos e dos prazeres se dá por meio da circulação massiva de hormônios, fármacos, imagens e tecnologias sexuais. Em obras como *Manifesto contrassexual* e *Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*, Preciado discute a centralidade dos hormônios, dos fármacos e das próteses na produção contemporânea de gênero e sexualidade, apontando para uma economia política do sexo em que testosterona, estrogênio, pílulas e cirurgias se articulam a regimes específicos de poder. Ao colocar em cena corpos travestis intensamente hormonizados, homens cis em crise diante da ginecomastia e um circuito sexual clandestino que conecta uns aos outros, “Ginecomastos” oferece um terreno privilegiado para pensar ficcionalmente essa gestão desigual dos corpos.

Ao mesmo tempo, a situação das travestis no conto – marcadas pela precariedade, pela violência e pela ausência de direitos básicos à saúde – permite articular o regime farmacopornográfico à discussão sobre necropolítica formulada por Achille Mbembe, para quem certos corpos são produzidos como descartáveis. Se os homens atingidos pela ginecomastia recebem diagnósticos, explicações e, até mesmo, uma oferta de produtos destinados a administrar sua “anomalia”, as travestis continuam confinadas a um lugar estrutural de vulnerabilidade, sem acesso a cuidados médicos adequados para lidar com as transformações hormonais que atravessam seus corpos.

Nesse sentido, a ficção de Amara Moira coloca em relevo que mesmo quando os efeitos biopolíticos de um regime sexual e farmacológico atingem os corpos masculinos normativos, não há redistribuição de reconhecimento e direitos para as corporalidades dissidentes. Neste artigo, chamamos de fármaco-necropolítica a articulação entre o regime farmacopornográfico descrito por Preciado e a gestão diferencial da vida e da morte formulada por Mbembe, tal como se inscrevem, em “Ginecomastos”, nos corpos travestis e nos corpos masculinos hegemônicos.

Diante desse quadro, este artigo tem por objetivo analisar o conto “Ginecomastos” à luz da farmacopolítica dos hormônios formulada por Preciado, em diálogo com a noção de necropolítica em Mbembe, buscando compreender de que modo a narrativa encena uma crise da masculinidade hegemônica que não se traduz em deslocamento efetivo da posição estruturalmente vulnerabilizada ocupada por corpos travestis. Pergunta-se, em particular, como o texto ficcionaliza a circulação de hormônios e de desejos em um contexto marcado pela moral sexual conservadora, pela prostituição e pela desigualdade no acesso à saúde, evi-

denciando a forma como o regime farmacopornográfico distribui de modo assimétrico riscos, cuidados e possibilidades de existência.

Do ponto de vista metodológico, desenvolve-se uma leitura crítico-interpretativa do conto, fundada na análise textual de “Ginecomastos” em articulação com o referencial teórico de Paul B. Preciado, especialmente a noção de regime farmacopornográfico, e com a discussão sobre necropolítica em Achille Mbembe. O artigo insere-se, assim, no âmbito dos estudos de literatura brasileira contemporânea, privilegiando o diálogo entre crítica literária, teoria de gênero e reflexões sobre corpos dissidentes, com atenção particular à escrita de uma autora trans no cenário literário nacional.

Tomando como ponto de partida essa convergência entre literatura brasileira contemporânea, farmacopolítica dos hormônios e necropolítica, o texto organiza-se em duas etapas principais: na seção seguinte, apresenta-se o referencial teórico acerca do regime farmacopornográfico e da gestão diferencial da vida e da morte em contextos marcados pela transfobia e pela precarização de corpos travestis; em seguida, procede-se à leitura de “Ginecomastos”, destacando de que maneira o conto de Amara Moira dramatiza a crise da masculinidade hegemônica e a persistência da vulnerabilização de corpos travestis, ainda que sejam agora “seios para eles” que se tornam o sintoma visível de um regime de desejo e de poder que eles próprios ajudaram a sustentar.

2 Regime farmacopornográfico, necropolítica e corpos travestis

Em *Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*, Paul B. Preciado afirma que o livro não é uma autobiografia, mas um “protocolo de intoxicação voluntária à base de testosterona”, um “ensaio corporal”, “uma ficção autobiográfica” (Preciado, 2018, p. 13). Ao recusar a separação rígida entre teoria e experiência, o autor constrói uma escrita híbrida, em que a reflexão filosófica se entrelaça ao registro dos 236 dias de autoadministração de testosterona em gel. Essa escrita encarnada desloca o debate sobre sexo, gênero e desejo do plano abstrato das identidades para o plano concreto das substâncias, dos hormônios e das técnicas que modulam corpos e afetos. O corpo deixa de ser apenas um suporte passivo de normas e passa a ser entendido como campo de intervenção, experimentação e disputa política.

Esse gesto se articula a uma trajetória teórica que já vinha sendo delineada em *Manifesto contrassexual*, texto em que Preciado propõe a contrassexualidade como prática subversiva frente à cisheteronormatividade moderna. Ao questionar a “Natureza” como fundamento das diferenças sexuais, o autor defende que a contrassexualidade não busca criar uma nova natureza, mas levar ao “fim da Natureza como ordem que legitima a sujeição de certos corpos a outros” (Preciado, 2014, p. 21).

Em diálogo crítico com o construcionismo e com a teoria queer, Preciado afirma que gênero, sexo e sexualidade não são apenas performatividades discursivas, mas efeitos de tecnologias específicas – médicas, farmacológicas, jurídicas, midiáticas – que produzem e regulamentam corpos. Em *Testo Junkie*, essa tese é radicalizada a partir da autoadministração de testosterona à margem de protocolos médicos e jurídicos de transexualização, numa recusa explícita de submeter-se a diagnósticos patologizantes e a dispositivos que definem quem é “doente” e quem pode ter acesso às biotecnologias de modificação corporal (Preciado, 2018).

A partir dessa experiência, Preciado propõe uma genealogia política dos hormônios, interrogando de que forma testosterona, estrogênio, pílulas anticoncepcionais, inibidores de ereção, próteses cirúrgicas e drogas psicotrópicas são centrais na constituição de um novo regime de governo da vida. Segundo o autor, após os regimes escravista e industrial, consolida-se, ao longo do século XX, uma terceira fase do capitalismo, que ele denomina a “era farmacopornográfica”.

Emergindo das ruínas da Segunda Guerra Mundial e ganhando visibilidade nas décadas de 1950 a 1970, esse regime se caracteriza pela centralidade da gestão técnica e política do corpo, do gênero e da sexualidade, articulando avanços das biotecnologias à expansão das mídias globais (Preciado, 2018). A invenção do termo “gênero” por John Money, o desenvolvimento de cirurgias de redesignação sexual, a criação e difusão da pílula anticoncepcional, o boom da pornografia com revistas como *Playboy*, a produção de fármacos voltados à ereção e o crescimento das cirurgias estéticas são alguns dos marcos que, para Preciado, indicam a passagem a um modelo em que o sexo e o prazer se tornam objetos privilegiados de gestão econômica e política.

O termo “farmacopornográfico”, assim, procura dar conta justamente dessa dupla dimensão:

O termo se refere aos processos de governo biomolecular (fármaco-) e semiótico-técnico (pornô) da subjetividade sexual, dos quais a Pílula e a *Playboy* são dois resultados paradigmáticos. Embora finque raízes na sociedade científica e colonial do século XIX, os vetores econômicos do regime farmacopornográfico permanecerão invisíveis até o final da Segunda Guerra Mundial (Preciado, 2018, p. 36).

Nesse contexto, não basta responder às perguntas sobre a construção das identidades sexuais apenas com a categoria de performatividade. É preciso interrogar, também, os processos técnicos e biológicos de construção política do sexo e do gênero, tal como enfatiza Preciado ao analisar o regime farmacopornográfico em sua dimensão material e molecular durante a metade do século XX:

O sucesso da indústria tecnocientífica contemporânea consiste em transformar nossa depressão em Prozac, nossa masculinidade em testosterona, nossa ereção em Viagra, nossa fertilidade ou esterilidade em Pílula, nossa aids em triterapia, sem que seja possível saber quem vem primeiro: a depressão ou o Prozac, o Viagra ou a ereção, a testosterona ou a masculinidade, a Pílula ou a maternidade, a triterapia ou a aids. Este feedback performativo é um dos mecanismos do regime farmacopornográfico (Preciado, 2018, p. 37).

Dessa maneira, o que parece ficção científica: corpos hormonizados, próteses, cirurgias, drogas é, na verdade, o terreno político em que se decide quem pode viver, como pode viver e sob quais condições. Ao enfatizar a materialidade dos hormônios e dos fármacos, Preciado chama atenção para o fato de que a distribuição dessas tecnologias não é homogênea. Há corpos que têm acesso a protocolos médicos regulados, acompanhados por equipes de saúde, amparados por políticas públicas e por sistemas de seguridade social; há outros que se relacionam com hormônios de maneira precária, clandestina, improvisada, muitas vezes em contextos de violência e criminalização. A população de travestis, sobretudo em países marcados por profundas desigualdades sociais, aparece, nesse cenário, como um dos grupos mais atravessados por uma farmacopolítica desigual: doses cavaleares de hormônios feminili-

zantes, automedicação, ausência de acompanhamento médico continuado, exposição a efeitos colaterais graves, além da recorrente necessidade de recorrer a procedimentos estéticos e cirúrgicos em condições inseguras.

A incorporação da necropolítica, tal como formulada por Achille Mbembe, ajuda a explicitar a dimensão extrema dessa desigualdade. Para Mbembe (2018), o poder moderno, especialmente em contextos coloniais e pós-coloniais, não se limita a gerir a vida (biopolítica), mas também decide quem pode morrer, quem pode ser exposto à morte lenta, à violência cotidiana e à precariedade extrema. A necropolítica designa, assim, um regime em que determinados grupos são produzidos como descartáveis, sacrificáveis, matáveis seja pela violência direta, seja pela recusa sistemática de garantir condições mínimas de existência. Quando se observa a experiência de travestis – alvo de altíssimos índices de assassinato, expulsão precoce do ambiente escolar e familiar, concentração em atividades de prostituição, desassistência em saúde –, torna-se visível o entrelaçamento entre a gestão farmacológica dos corpos e a produção de zonas de morte social.

No cruzamento entre farmacopornografia e necropolítica, corpos travestis podem ser pensados como laboratórios vivos de um regime que experimenta intensamente sobre eles, ao mesmo tempo em que lhes nega reconhecimento e proteção. São corpos sobre-hormonizados e subcuidados; consumidos no mercado sexual e rejeitados no espaço público; hipervisíveis como fetiche e invisíveis como sujeitos de direito. A mesma tecnologia que, em certos contextos, é mediada por protocolos regulados e narrativas de transição legitimada, em outros opera como instrumento de precarização e risco. Assim, a política dos hormônios não é apenas um fenômeno técnico, mas um operador de hierarquias: decide quem pode manipular o próprio corpo como escolha política e quem é empurrado a fazê-lo em condições de extrema vulnerabilidade.

Nesse horizonte teórico, a ficção de Amara Moira oferece um campo privilegiado para observar como o regime farmacopornográfico e a necropolítica incidem sobre corpos travestis. Em “Ginecomastos”, tais corpos aparecem simultaneamente como alvo de experimentações hormonais precárias e como zona de apagamento de uma ordem social que prefere proteger a masculinidade hegemônica a enfrentar o circuito clandestino de desejo que sustenta sua própria estabilidade. É a partir desse enquadramento que, na seção seguinte, analisar-se-á o conto de Amara Moira, destacando a articulação entre a crise da masculinidade, a gestão desigual dos hormônios e a vulnerabilização contínua de corpos travestis.

3 Seios para eles: a fármaco-necropolítica em “Ginecomastos”

Em “Ginecomastos”, Amara Moira constrói uma narrativa em tom de relatório pseudo-científico que acompanha, ao longo de décadas, a disseminação de um fenômeno inicialmente considerado raro: o crescimento acentuado das mamas em homens adultos, em especial aqueles identificados como “respeitáveis pais de família”, casados, trabalhadores, representantes de uma masculinidade normativa. A estranheza inicial é administrada, em um primeiro momento, por dois grandes aparatos: o biomédico e o mercadológico. No consultório, os corpos masculinos com seios são submetidos a exames, pesagens, avaliações hormonais, ao mesmo tempo em que se multiplicam diagnósticos provisórios, hipóteses causais e tentativas de enquadrar a ginecomastia em categorias já disponíveis, como obesidade, distúrbios endócrinos, efeitos de medicamentos, estresse. A medicina funciona, no conto, como instân-

cia de contenção do espanto, na medida em que se busca nomear, classificar, corrigir o que escapa às fronteiras tradicionais entre masculino e feminino. O narrador sintetiza assim esse início de disseminação da condição:

As modificações não eram tão proeminentes no início, parecendo mais uma questão psicológica. Tanto que demorou para analisarem os fatos à luz da ciência. *Respeitáveis pais de família, homens do tipo mais tradicional, heterossexuais, casados, quase todos com filhos, nesses cidadãos mais do que em qualquer outra fatia populacional passou-se a observar um incidente extraordinário, a hipertrofia das glândulas mamárias, condição médica intitulada de ginecomastia* (Moirá, 2024, p. 155, grifo nosso).

Paralelamente, o capitalismo rapidamente capta a emergência de um novo nicho de mercado. A proliferação de seios em corpos masculinos faz surgir linhas específicas de roupas íntimas, modelagens de camisas pensadas para disfarçar ou acomodar o volume mamário, cremes e cosméticos que prometem firmar ou reduzir as mamas, além de campanhas de marketing que oscilam entre o apelo à vergonha e a promessa de autoestima para os novos consumidores. O conto descreve esse processo com ironia, enfatizando tanto as tentativas precárias de ocultação quanto a rápida adaptação do capitalismo:

As tentativas iniciais para ocultar os seios eram precárias, percebendo-se facilmente a sua presença sob a blusa ou camisa social. Tops discretos, faixas elásticas, compressas de gaze, apetrechos os mais variados foram improvisados com essa intenção. No desespero primevo, os homens se acostumavam para disfarçar o inconveniente volume, sem contar as feridas e os problemas respiratórios surgidos por ficarem o dia todo e, às vezes, até dormirem com faixas apertadas. Todo um mercado acabou se construindo em torno da nova necessidade, com vestimentas mais apropriadas sendo desenvolvidas e principiando a figurar obrigatoriamente nos guarda-roupas masculinos. O capitalismo e sua incrível capacidade de adaptação (Moirá, 2024, p. 156–157).

Os trechos exemplificam a manifestação da ginecomastia nesses homens e como o mercado de moda íntima masculina reage às modificações corporais desses sujeitos, ao mesmo tempo em que evidencia uma crítica irônica ao capitalismo, capaz de se apropriar de toda e qualquer forma de diferença para converter experiências e necessidades em mercadoria e, assim, auferir vantagens.

O conto evidencia ainda um processo ambíguo de patologização e despatologização seletiva dos corpos, operação que se inscreve no cerne do regime farmacopornográfico, no qual determinadas condições são ora medicalizadas, ora normalizadas, conforme interesses políticos, econômicos e simbólicos. Nesse sentido, a narrativa explicita uma inflexão significativa na forma como a ginecomastia passa a ser socialmente percebida:

Seguiam-se os anos e a impressão era de que, para a população, sobretudo os homens diretamente afetados, a prioridade deixou de ser descobrir a causa ou a cura, mas, sim, aprender a conviver com a nova anatomia que o destino lhes proporcionava. “Aceitar” era a palavra-chave, daí terem criado o movimento Orgulho Ginecomasto (termo cunhado para designar os portadores da ginecomastia) e exigirem a imediata despatologização da condição (Moirá, 2024, p. 157).

A passagem revela como a recusa da medicalização compulsória se transforma em estratégia política de resistência, deslocando o corpo ginecomasto da esfera do desvio clínico para o campo da afirmação identitária e da disputa por legitimidade social, ao mesmo tempo em que expõe os limites e as contradições de uma despatologização que permanece condicionada pelas lógicas normativas do próprio sistema que a produz.

A narrativa inclusive descreve a formação de um movimento de afirmação identitária, o “Orgulho Ginecomasto”, no qual alguns homens passam a reivindicar seus seios como marca de diferença e até de beleza, deslocando o eixo da patologização para o da singularidade. Esse movimento de captura comercial e simbólica da anomalia se aproxima da lógica descrita por Preciado (2018); um regime em que o corpo, longe de ser apenas um dado natural, converte-se em superfície de investimento econômico, laboratório de novas mercadorias e território de disputas políticas em torno do gênero e do desejo.

A entrada em cena das travestis, no entanto, desloca o foco da narrativa para corpos que não dispõem do mesmo aparato de contenção, cuidado e legitimação. Se, para os homens com ginecomastia, há exames, explicações e produtos, para as travestis a relação com hormônios e com cirurgias é marcada pela precariedade. O conto destaca a descoberta, por um médico, da relação entre a ginecomastia masculina e a mudança de comportamento de um grupo marginalizado atendido por ele:

Os desígnios de Deus são imperscrutáveis, evidentemente, e a sociedade limitava-se a comemorar que a medicina havia encontrado uma solução. Um médico, porém, responsável por uma unidade de saúde no centro de uma capital, percebeu uma inesperada conexão entre esses acontecimentos e a mudança de comportamento de *um grupo marginalizado atendido por ele, o das travestis. Como a justiça não as reconhecia oficialmente enquanto mulheres, elas não tinham direito à mastectomia gratuita, precisando recorrer a açougueiros e com frequência indo parar em pronto-socorros por cirurgias imperitamente realizadas* (Moirá, 2024, p. 158–159, grifo nosso).

O trecho evidencia as travestis como um grupo sistematicamente excluído dos serviços assegurados à população em geral, sobretudo no âmbito da saúde pública. Ao negar-lhes o reconhecimento de uma identidade feminina legítima, o sistema institucional contribui para a precarização de suas existências, uma vez que a ausência de acesso a procedimentos médicos adequados as obriga a buscar intervenções clandestinas e inseguras, realizadas por “açougueiros”. Tal contexto resulta na intensificação da vulnerabilidade e na desumanização de seus corpos. Nessa perspectiva, o uso do termo “mastectomia” opera como um recurso crítico que denuncia a violência institucional imposta a pessoas LGBTQIA+, particularmente às travestis, ao evidenciar as contradições e exclusões produzidas pelas políticas de saúde e pelo aparato jurídico-normativo. Aqui, a ficção condensa de modo contundente a articulação entre farmacopolítica e necropolítica, uma vez que a negativa de reconhecimento jurídico produz exclusão concreta do acesso à saúde, empurrando essas mulheres para intervenções clandestinas e inseguras. O corpo travesti é, ao mesmo tempo, alvo de experimentações hormonais e objeto de desumanização institucional.

A situação se agrava quando o mercado sexual passa a desvalorizar seios “fartos” em travestis, ao mesmo tempo em que celebra, consome e reconfigura os seios masculinos. O conto explicita a pressão econômica que as obriga à cirurgia perigosa e à interrupção da hormonização feminilizante:

Dado o desprestígio em que caíram os seios femininos fartos e sendo a prostituição o principal trabalho que as travestis exerciam, *elas deveriam se valer da cirurgia, mesmo que clandestina e perigosa*, para não perderem seus clientes. A mesma situação fez com que elas tivessem que abrir mão das cavalares doses de anticoncepcionais que tomavam, pois um dos efeitos colaterais é exatamente o crescimento dos seios. E foi aí que esse *médico, um homossexual não assumido que precisou colocar silicone para se livrar da discriminação*, deparou-se com uma hipótese chocante tanto para a atrofia das mamas na atual geração de adultos como para o surgimento, meio século antes, da neoginecomastia, como ela passou a ser conhecida (Moirá, 2024, p. 159, grifo nosso).

Esse excerto explicita como a manipulação hormonal das travestis é determinada pela sobrevivência em um mercado sexual que as rejeita se forem “fartas” demais. A frase, “abrir mão das cavalares doses de anticoncepcionais” implica uma negação de prática afirmativa de gênero. O corpo travesti, sendo alvo de negociação, deve ser constantemente ajustado para atender às expectativas alheias ao passo que o homossexual médico, ainda que sujeito à discriminação e violência normativa, sendo impelido a usar silicone, ocupa um lugar de proteção, legitimidade e acesso a uma medicina segura. A diferença de tratamento evidencia a gestão desigual dos corpos descrita por Preciado e por Mbembe. Constata-se, a partir disso, a distribuição assimétrica de risco e proteção ao contrastar a vulnerabilidade das travestis com a medicalização e o acolhimento dispensados aos homens cis. Enquanto corpos travestis são expostos a práticas hormonais precárias, à patologização, os corpos de homens cis passam a ser dignos de cuidados, de pesquisa científica e intervenção institucional. Esse espectro revela uma lógica excludente na qual certos corpos são considerados descartáveis, como já apontado, e outros são socialmente legitimados e amparados pela ciência médica.

O conto avança, então, para a formulação da hipótese de que a proliferação de seios em homens adultos poderia estar ligada à circulação de hormônios feminilizantes oriundos do contato sexual com travestis. É esse mesmo médico quem articula tal possibilidade, quase ao final da narrativa:

O doutor parecia ver uma ligação entre o consumo desmedido de estrogênio por parte das travestis, observável desde a década de 1960 (momento em que a pílula anticoncepcional começa a ser comercializada), e a disseminação da neoginecomastia nos homens. *Possivelmente, e isso era apenas uma hipótese, o excesso de estrogênio seria eliminado no sêmen das travestis e, caso homens tivessem contato recorrente com tal substância, não seria descabido imaginar que acabassem absorvendo ao menos parte do excedente hormonal* (Moirá, 2024, p. 159, grifo nosso).

Nesse horizonte, os corpos travestis aparecem como laboratórios vivos das experimentações hormonais e como resíduos de um sistema que os explora, patologiza e relega às margens. A hipótese apresentada no trecho reforça, portanto, uma lógica biopolítica que converte corpos dissidentes em portadores de risco e anomalia, revelando as desigualdades de poder que determinam quem pode viver plenamente, quem arca com os custos das políticas de controle e quem é tratado como descartável.

Mbembe (2018) argumenta, em linhas gerais, que as ocupações coloniais constroem formas de soberania que relegam os sujeitos “colonizados” a um lugar marcado pela opressão e pelo desrespeito. Nessa perspectiva, o autor afirma que “[...] a soberania é a capacidade de

definir quem importa e quem não importa, quem é ‘descartável’ e quem não é” (p. 135). Ao transpor essa reflexão para o contexto de “Ginecomastos”, observa-se que os corpos travestis passam a ocupar esse “não lugar”, produzido por uma soberania heteronormativa que os submete a uma política de inexistência, de descartabilidade e de morte.

A hipótese, então, cuidadosamente apresentada como tal, funciona menos como explicação etiológica fechada e mais como dispositivo de leitura, pois torna literal, no nível do corpo, o vínculo entre desejo clandestino e crise da masculinidade hegemônica. Ao imaginar que hormônios feminilizantes possam, de alguma forma, atravessar as fronteiras entre corpos em encontros sexuais secretos, o conto inscreve nos seios masculinos o rastro de um contato que esses homens precisam, discursivamente, negar. Não se trata, portanto, de uma contaminação neutra ou ambiental, mas de uma economia sexual marcada por hipocrisia e assimetria, na qual o desejo por travestis é ao mesmo tempo explorado e negado.

Importa notar que a hipótese formulada pelo médico não é tornada pública no conto. Nem os homens afetados, nem a sociedade, nem as próprias travestis chegam a saber dessa possível ligação. O narrador indica que a divulgação dessa informação poderia desencadear pânico moral, revoltas, reconfigurações abruptas nas relações de gênero e na economia sexual, de modo que o médico opta por silenciar. Esse silêncio não é neutro. Ao escolher proteger a ordem social e a estabilidade da masculinidade hegemônica, as instituições médicas e científicas reiteram o lugar de ignorância forçada em que se encontram as travestis, que permanecem sem acesso a informações sobre os efeitos de longo prazo da hormonização e das relações que estabelecem no mercado sexual. Trata-se de uma forma de violência epistêmica: o saber sobre o que se passa entre corpos é produzido, mas não circula na direção daqueles que mais são atravessados por seus efeitos.

A ironia final do conto é explicitada pelo narrador em um excerto que sintetiza a assimetria entre causa e efeito:

Provando-se verdade, o cômico era pensar que as travestis abusavam dos hormônios para apressar a transformação dos seus corpos, mas seus corpos, entendendo o abuso como intoxicação, eliminavam quase todo o hormônio que elas consumiam. Resultado? As modificações ocorriam em câmera lenta para as travestis, ao passo que, para os veneráveis pais de família que elas atendiam, os seios se desenvolviam numa velocidade incrível (Moirá, 2024, p. 160).

Apesar de serem elas que “abusam” dos hormônios feminilizantes, como se costuma dizer em discursos moralizantes, são os homens cis que, décadas depois, exibem seios volumosos e inevitáveis. A feminilização involuntária dos seus corpos torna-se um sintoma de que o regime farmacopornográfico não se limita aos sujeitos que o acionam de maneira consciente ou politizada, como discute Preciado (2018), mas atravessa também aqueles que procuram manter intacta a aparência de uma masculinidade tradicional. A diferença é que, para estes, a crise é negociável, já que há produtos, narrativas, até movimentos identitários que prometem transformar a anomalia em estilo; em contrapartida, para as travestis, o mesmo regime se manifesta como precarização, mutilação e morte social.

4 Considerações finais

Ao articular a circulação de hormônios, o mercado do sexo e o discurso médico em uma narrativa que acompanha tanto corpos travestis quanto corpos masculinos hegemônicos, “Ginecomastos” permite ver, pela via da ficção, a assimetria na distribuição de riscos e cuidados. A crise da masculinidade, longe de inaugurar uma redistribuição de direitos ou de proteção, é absorvida pelo capitalismo e pela medicina de modo a preservar os privilégios desses homens. A farmacopolítica que regula seus corpos é sempre uma política de gestão de desconfortos que oferece diagnósticos, cremes, roupas, discursos de autoestima. Já a farmacopolítica que incide sobre as travestis, ligada à automedicação, à prostituição, à ausência de assistência, aproxima-se da necropolítica, de Mbembe (2018): é feita de corpos expostos ao descarte e à violência, ainda que sejam eles centrais para o funcionamento desse regime.

Nesse sentido, a leitura de “Ginecomastos” à luz do regime farmacopornográfico e da necropolítica evidencia uma cena típica da literatura brasileira contemporânea escrita por sujeitos trans: a desmontagem das fronteiras entre o que é considerado “desvio” e o que é considerado “normalidade”. Amara Moira desloca o lugar do corpo desviante, uma vez que já não é mais a travesti quem encarna a ameaça à ordem, mas o corpo masculino normativo que, ao carregar seios, torna visível a própria instabilidade da masculinidade que pretendia ser sólida. A literatura funciona, no conto, como espaço de experimentação em que se pode exagerar e, ao mesmo tempo, tornar legíveis processos materiais e políticos difíceis de apreender no discurso sociológico ou jurídico. Logo, o conto não cede à fantasia de uma inversão redentora, afinal, ainda que sejam agora “seios para eles”, a posição estruturalmente vulnerabilizada dos corpos travestis permanece inalterada.

Desse modo, o texto de Amara Moira contribui para o debate sobre gênero, sexualidade e violência no Brasil ao inscrever, no campo literário, uma crítica contundente ao modo como a masculinidade hegemônica se sustenta na exploração e na invisibilização de corpos transfemininos. Em diálogo com a teoria de Preciado (2014; 2018) e com a noção de necropolítica de Mbembe (2018), “Ginecomastos” mostra que a crise da masculinidade, quando pensada em contexto farmacopolítico, não é necessariamente um colapso ou uma revolução, mas uma reacomodação de privilégios, ou seja, o regime se ajusta, cria produtos, reescreve narrativas, enquanto mantém intacta a vulnerabilidade estrutural de quem sempre esteve à margem. Ao tornar nítida essa assimetria, a ficção aponta para a necessidade de pensar políticas de cuidado, de reconhecimento e de redistribuição material que ultrapassem o limite do corpo masculino em crise e considerem, de forma central, a vida de travestis que continuam sendo o alvo e o excedente de nosso regime sexual contemporâneo.

Referências

MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. Tradução de Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MOIRA, Amara. Ginecomastos. In: ACIOLI, Socorro; SECCHES, Fabiane (orgs.). *O dia escuro: contos inquietantes de autoras brasileiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 2024. p. 153-160.

PRECIADO, Paul B. *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014.

PRECIADO, Paul B. *Testo junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2018.